



DO COMÉRCIO LOCAL ÀS VENDAS ON-LINE NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19: UMA ANÁLISE SOCIOESPACIAL A PARTIR DA FEIRA DE SÃO BENTO EM CASCAVEL/CE

Monica Maria Silva Sousa¹

RESUMO

A pandemia de COVID-19 impactou profundamente as dinâmicas sociais e econômicas, afetando diretamente o comércio local devido às restrições para conter o vírus. Nesse cenário, é importante compreender a transição do comércio presencial para o online durante a pandemia, com foco na Feira de São Bento, em Cascavel/CE. Assim, a pesquisa tem como objetivo compreender as mudanças no comportamento de comerciantes e consumidores, além das transformações no espaço físico e virtual da feira. Para isso, foram realizadas visitas à feira durante o período pandêmico, e pós pandêmico, com observação direta de aspectos como o número de comerciantes presentes, a variedade de produtos, as medidas sanitárias adotadas e a interação entre vendedores e clientes. Essas observações revelaram adaptações importantes no espaço físico da feira. Complementando a análise, foram feitas entrevistas semiestruturadas com comerciantes, que relataram as estratégias adotadas para vender online, os desafios enfrentados na digitalização do comércio e suas percepções sobre o futuro do setor. O estudo oferece uma compreensão ampliada sobre como a pandemia acelerou processos de transformação no comércio local, destacando a resiliência dos comerciantes diante das adversidades e a importância de se adaptar às novas demandas do mercado digital.

Palavras-chave: Pandemia; Covid-19; Feira de São Bento; Estratégias de vendas; novas formas comerciais.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has profoundly impacted social and economic dynamics, directly affecting local businesses due to restrictions imposed to contain the virus. In this context, it is important to understand the transition from in-person to online commerce during the pandemic, focusing on the São Bento Fair in Cascavel, Ceará. Therefore, the research aims to understand the changes in the behavior of merchants and consumers, as well as the transformations in the fair's physical and virtual space. To this end, visits to the fair were conducted during the pandemic and post-pandemic periods, with direct observation of aspects such as the number of merchants present, the variety of products, the sanitary measures adopted, and the interaction between vendors and customers. These observations revealed significant adaptations to the fair's physical space. Complementing the analysis, semi-structured interviews were conducted with merchants, who reported on the strategies adopted to sell online, the challenges faced in the digitalization of commerce, and their perceptions about the future of the sector. The study offers a broader understanding of how the pandemic accelerated transformation processes in local commerce, highlighting the resilience of merchants in the face of adversity and the importance of adapting to the new demands of the digital market.

Keywords: Pandemic; Covid-19; São Bento Fair; Sales strategies; new commercial forms.

¹ Mestranda em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROP GEO) da Universidade Estadual do Ceará – UECE, email: monica.sousa@aluno.uece.br



INTRODUÇÃO

Desde os tempos coloniais, as feiras livres se constituem como espaços de relevância econômica, social e cultural no Brasil, funcionando como pontos de encontro entre produtores e consumidores e desempenhando papel fundamental na organização do espaço urbano (Costa, 2024; Pintaudi, 2006). Esses ambientes não apenas movimentam a economia local, mas se configuram como territórios de identidade coletiva e memória, nos quais as tradições, saberes e práticas sociais se entrelaçam ao cotidiano das populações (Silva; Miranda e Júnior, 2016).

A Feira Livre de São Bento, localizada no município de Cascavel, no Ceará, é exemplo emblemático dessa realidade. Fundada em 1924, essa feira tornou-se uma das mais tradicionais da Região Metropolitana de Fortaleza, ocupando atualmente cerca de 2.000 m² do centro urbano de Cascavel. Aos sábados, atrai milhares de comerciantes e consumidores de diferentes localidades, sendo um importante polo de circulação de mercadorias e pessoas Silva (2008). Sua relevância econômica e cultural se manifesta não apenas na variedade de produtos, como confecções, artesanato, alimentos e pescados, mas na sua capacidade de mobilizar redes de sociabilidade e geração de renda para diversas famílias da região.

No entanto, a pandemia da COVID-19, a partir de 2020, alterou profundamente essas dinâmicas, impondo restrições sanitárias, isolamento social e o fechamento temporário de atividades comerciais presenciais, forçando uma reinvenção dos modos de venda e interação entre feirantes e consumidores, impactando as cidades Carlos (2020). No estado do Ceará, o Decreto Estadual nº 33.510, de 16 de março de 2020, determinou a suspensão de atividades comerciais presenciais, atingindo diretamente os feirantes que dependiam das vendas nas ruas para subsistência Ceará (2020). Diante dessa crise, muitos trabalhadores buscaram adaptar suas práticas comerciais por meio de tecnologias de comunicação e redes sociais como o WhatsApp, Instagram e Facebook, na tentativa de manter suas atividades e alcançar consumidores de forma virtual.

Esse cenário desafiador afetou diretamente a organização espacial das cidades, em que o mercado público perpassou o seu papel econômico, se tornando um local de locais de sociabilidade, trocas simbólicas e práticas comunitárias. A ausência desses espaços presenciais revelou não apenas a fragilidade econômica dos pequenos comerciantes, mas a dificuldade de adaptação digital enfrentada por muitos deles. Nesse contexto, a Feira de São Bento, assim como outras feiras livres do país, foram impactadas não apenas em sua estrutura física, mas em sua dinâmica socioeconômica.



Nesse contexto, emergem problemáticas centrais: como os feirantes da Feira de São Bento adaptaram-se às restrições impostas? Conseguiram migrar para o comércio online? Quais estratégias foram criadas para garantir a sobrevivência econômica diante da crise sanitária? Essas questões orientam o presente artigo, que tem como objetivo principal realizar uma análise socioespacial da transição do comércio local para as vendas online durante a pandemia de COVID-19, com foco na Feira de São Bento. Para atender a esse objetivo geral, foram articulados três objetivos específicos: identificar o perfil socioeconômico dos feirantes que atuam na Feira de São Bento; investigar as estratégias adotadas pelos comerciantes para se adaptarem; e identificar os feirantes que conseguiram se adaptar ao comércio online. Ao abordar essas questões, o estudo pretende contribuir para a compreensão das transformações espaciais e sociais em períodos de crise, enfatizando o papel das feiras como elementos estruturadores do espaço urbano e da economia local.

Este estudo justifica-se pela relevância social e econômica das feiras livres para comunidades locais, especialmente em momentos de crise sanitária e econômica. As feiras não apenas possibilitam a circulação de mercadorias e a geração de renda, mas a preservação das práticas culturais e modos de vida que dão identidade a determinados territórios. Compreender as transformações vividas por esse segmento diante da pandemia, permite refletir sobre a capacidade de adaptação do pequeno comércio, sobre os desafios da inclusão digital e sobre a resiliência de espaços que, mesmo em situações adversas, permanecem essenciais para a reprodução social das populações locais.

Ademais, a análise geográfica da pandemia evidencia que os impactos não foram homogêneos, variando de acordo com as condições socioespaciais de cada município. Em Cascavel, a dependência econômica de atividades comerciais informais e a centralidade da Feira de São Bento acentuaram a vulnerabilidade da população trabalhadora. Ao mesmo tempo, a feira mostrou-se como espaço de resistência, no qual os feirantes buscaram alternativas para enfrentar as restrições, como o uso de redes sociais, sistemas de entrega e reorganização do espaço físico em consonância com os decretos municipais.

A proposta para a pesquisa é propor o debate relacionada a resistência do comércio tradicional diante de adversidades, ressaltando a necessidade de políticas públicas que promovam a digitalização dos pequenos empreendimentos e apoiem a modernização das feiras livres sem descaracterizar sua função histórica e cultural. Dessa forma, busca-se oferecer subsídios para a formulação de estratégias de fortalecimento da economia local, valorizando a dimensão socioespacial que esses espaços representam no cotidiano urbano.



METODOLOGIA

O presente estudo adotou uma abordagem quantitativa, com aplicação de questionários semiestruturados, Dourado e Ribeiro (2023) com foco na análise socioespacial do comércio informal durante o período pandêmico, a partir do caso da Feira de São Bento em Cascavel/CE. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas principais: levantamento bibliográfico, coleta de dados secundários e pesquisa de campo com aplicação de questionário.

Na primeira etapa, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas relacionados ao comércio local, feiras livres, pandemia de COVID-19, impactos econômicos e estratégias de adaptação às vendas online. Para isso, foram utilizados livros, artigos científicos, dissertações, teses e documentos oficiais que contribuíram para o embasamento teórico e para a construção do problema de pesquisa.

Na segunda etapa, procedeu-se à coleta e análise de dados secundários obtidos junto a órgãos oficiais como a Secretaria de Arrecadação da Prefeitura de Cascavel, na qual disponibilizou informações sobre o número de feirantes cadastrados, categorias de produtos comercializados e a regulamentação adotada durante a pandemia. Esses dados contribuíram para o entendimento do perfil estrutural e econômico da feira antes, durante e após o período mais crítico da pandemia.

A terceira etapa compreendeu a pesquisa de campo, realizada entre os anos de 2021 e 2022, com a aplicação de um questionário semiestruturado a 80 feirantes atuantes na Feira de São Bento. O instrumento foi composto por dez perguntas que abordaram aspectos como perfil socioeconômico dos participantes, tempo de atuação, impacto das medidas restritivas, estratégias de adaptação às vendas online e uso de redes sociais. A coleta de dados foram realizadas presencialmente, com o consentimento verbal dos participantes, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

As informações obtidas foram organizadas e analisadas com base na técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar padrões, recorrências e contrastes nas respostas dos feirantes. A produção do trabalho foi realizada tendo como base as leituras de autores nos quais desenvolvem as temáticas desenvolvidas na pesquisa, o trabalho de campo desenvolvido e a análise das informações colhidas durante a pesquisa, escrevendo de forma direta e organizada sobre as reconfigurações do comércio na Feira de São Bento durante a pandemia.



REFERENCIAL TEÓRICO

As feiras livres representam, historicamente, espaços de comércio e sociabilidade fundamentais para o espaço urbano brasileiro. Desde o período colonial, essas feiras têm funcionado como locais de intercâmbio entre campo e cidade, articulando produção agrícola, consumo e práticas culturais, especialmente entre os setores populares. Para Costa e Marques (2018), as feiras são territórios da economia informal, onde se constrói uma territorialidade própria marcada por redes sociais, práticas tradicionais e uso intensivo do espaço público.

Os espaços de comércio e consumo, como os mercados públicos, possuem papel central na produção do urbano, pois concentram práticas sociais e relações simbólicas que vão além da simples lógica econômica (Pereira, 2017). No contexto atual, marcado pelo avanço do neoliberalismo urbano, esses espaços tradicionais vêm sendo progressivamente marginalizados ou transformados para atender a interesses mercadológicos, muitas vezes em detrimento das necessidades reais da população local. A mercantilização do espaço urbano redefine o papel dos mercados públicos, que antes atuavam como pontos de encontro, trocas e identidade cultural, para se ajustarem a uma lógica de consumo padronizada e excludente. Essa reestruturação evidencia uma disputa simbólica e material pelo espaço urbano, onde a permanência das formas tradicionais de comércio se torna, em muitos casos, um ato de resistência.

A feira de São Bento, objeto de análise empírica desse trabalho, originou no núcleo de povoamento, onde hoje se encontra o antigo prédio histórico Casa da Câmara de Vereadores de Cascavel. Atualmente, após a reforma da nova gestão, está situado o Memorial Edson Queiroz, espaço em que aparecia uma estrada que marcava o meio do caminho entre Fortaleza e Aracati, passando pelo chamado circuito da pele. Nesse contexto, apareceram as primeiras barracas montadas para a comercialização de mercadorias na beira da estrada, assim, os fluxos entre nesta estrada permitiram maior movimento na Feira de São Bento (Silva, 2008).

A Feira Livre de São Bento, considerada um dos principais polos de comércio popular da Região Metropolitana de Fortaleza, apresenta funcionamento semanal, atraindo centenas de comerciantes e consumidores de municípios vizinhos e áreas rurais. A feira localizada em Cascavel se configura como um verdadeiro "território de vida", no qual o comércio informal, a agricultura familiar e os laços comunitários se entrelaçam, revelando sua importância não apenas econômica, mas também social e simbólica (Silva, 2005).

A emergência da pandemia de COVID-19 produziu rupturas significativas nessa dinâmica. Com a adoção de medidas restritivas, como o isolamento social e o fechamento de espaços



públicos de comércio, conforme estabelecido pelo Decreto Estadual nº 33.510, de 16 de março de 2020, as feiras livres foram interrompidas em diversas cidades, colocando em risco a subsistência de milhares de trabalhadores informais, impondo uma crise ao comércio popular, que viu suas atividades paralisadas sem alternativas estruturadas de continuidade.

Esse cenário desafiador estimulou a adoção de estratégias de adaptação por parte dos feirantes, muitos passaram a utilizar as redes sociais e aplicativos de mensagens para manter contato com seus clientes e realizar vendas de forma remota. De acordo com Malafaia (2022), a partir dos estudos sobre as feiras do Méier (RJ), identificou que a digitalização das práticas comerciais se deu de maneira desigual, mas essencial para a manutenção de parte dos negócios. Em alguns casos, o WhatsApp, o Instagram e o Facebook passaram a funcionar como vitrines virtuais, possibilitando o agendamento de entregas e retiradas, mesmo com as limitações tecnológicas enfrentadas por muitos comerciantes.

A pandemia também acelerou o crescimento do comércio eletrônico no Brasil, contribuindo, no olhar de Neto *et al* (2024), para a expansão significativa do e-commerce durante esse período, ampliando sua penetração maior entre os comerciantes, inclusive os pequenos empreendedores. Entretanto, o acesso desigual à internet, à infraestrutura digital e ao conhecimento técnico foi um entrave para parte dos feirantes, principalmente os mais idosos ou com baixa escolaridade, conforme apontam (Arroyo *et al*, 2021).

A Geografia crítica, por meio de autores como Milton Santos (2006), Monica Arroyo, Ígor Venceslau e André Pasti (2021), oferecem contribuições importantes para entender esse processo. Na perspectiva de Santos (2006), o território é mediado pelo uso da técnica, que nem sempre é acessada de forma equitativa por todos os agentes sociais, assim, a apropriação das tecnologias digitais durante a pandemia reflete as desigualdades socioespaciais já presentes nos centros urbanos e no campo. Arroyo *et al* (2021) complementam ao afirmar que a pandemia reconfigurou os usos do território, intensificando processos de exclusão em áreas com frágil conectividade digital e limitada presença de políticas públicas.

No caso da Feira de São Bento, os impactos da pandemia foram apenas econômicos e territoriais. A suspensão das atividades presenciais alterou o uso do espaço urbano de Cascavel, enfraqueceu redes comunitárias e forçou uma adaptação rápida e desestruturada à lógica do comércio online. Apesar dos desafios, o período também revelou formas de resistência, criatividade e resiliência dos feirantes, que buscaram novas formas de inserção econômica e continuidade das relações comerciais com seus clientes.

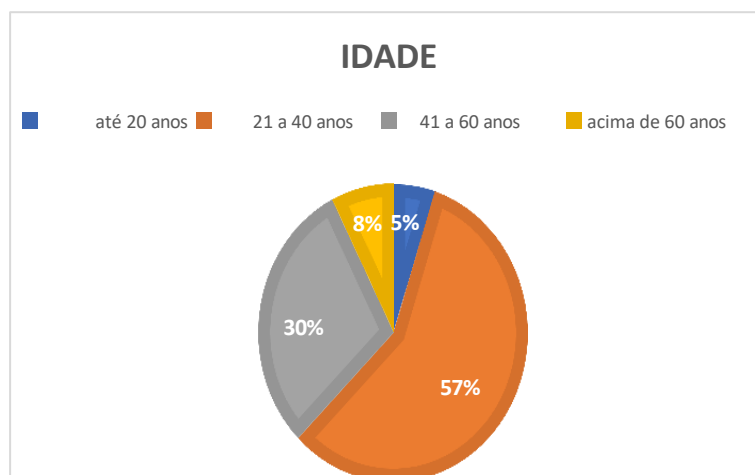


PANDEMIA DO COVID-19 PERFIL SOCIOECONÔMICOS DOS FEIRANTES: ATIVIDADE COMERCIAL, ESTRATÉGIAS, DIFICULDADES E ALCANCE ESPACIAL.

Diversas são as motivações que levam inúmeros trabalhadores a se tornarem feirantes. Na Feira de São Bento, as principais razões apontadas incluem o desemprego, o desejo de autonomia e a tradição herdada de familiares. Atualmente, o desemprego e a busca por independência econômica predominam, refletindo a realidade do mercado de trabalho brasileiro, que apresenta elevados índices de informalidade e desemprego Miranda (2025). Além disso, muitos feirantes herdam a prática das vendas ambulantes de seus familiares, mantendo as bancas em lugares ocupados por pais, avós e outros parentes, evidenciando a transmissão familiar de saberes e práticas econômicas (Carvalho; Maciel; Matos; Aquino, 2020). Também é comum que as famílias atuem conjuntamente na feira, com pais, mães e filhos desenvolvendo as atividades em conjunto, reforçando os vínculos familiares e garantindo a continuidade da atividade.

Quanto à idade, observa-se que a maioria dos feirantes está concentrada na faixa etária jovem-adulta, com 57% situando-se entre 21 e 40 anos, conforme indicado no Gráfico 01. Esse dado sugere que a atividade de feirante atrai principalmente pessoas em idade produtiva, que buscam oportunidades de trabalho e geração de renda. A presença significativa de feirantes entre 41 e 60 anos, representando 30%, indica que a feira também serve como uma alternativa de sustento para indivíduos em fases mais avançadas da vida, possivelmente com experiência acumulada no comércio informal ou em outras atividades laborais. Já os feirantes com mais de 60 anos representam apenas 8%, o que pode refletir limitações físicas para o trabalho intenso que a atividade exige, além de questões relacionadas à aposentadoria ou outras formas de subsistência. Por fim, os jovens de até 20 anos constituem uma parcela menor, de 5%, o que indica que trabalha com os pais na feira. Esses dados corroboram estudos que apontam o trabalho informal, especialmente em feiras, como uma importante fonte de emprego para adultos em diferentes fases da vida, adaptando-se às condições socioeconômicas e às necessidades do mercado de trabalho

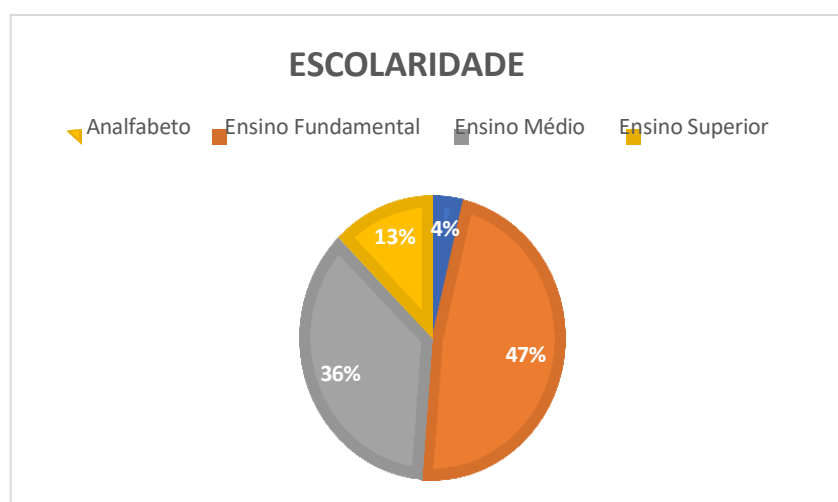
Gráfico 1 – Idade dos feirantes



Fonte: Elaborado pelos autores.

Como mostra o Gráfico 02, no que diz respeito à escolaridade, grande parte dos feirantes iniciou suas atividades no comércio ambulante de forma precoce, priorizando o trabalho e deixando os estudos em segundo plano. Isso se reflete nos 47% que possuem apenas o ensino fundamental. Além disso, 36% concluíram o ensino médio e atuam na feira, seja por identificação com o comércio, seja como alternativa de ocupação. Um grupo menor, composto por 13% dos feirantes, possui ensino superior e opta por trabalhar na feira como forma de sustento enquanto se mantém ativo e em preparação para outras possibilidades profissionais. Por fim, 4% dos feirantes que responderam ao questionário, são analfabetos, o que evidencia desigualdades históricas no acesso à educação.

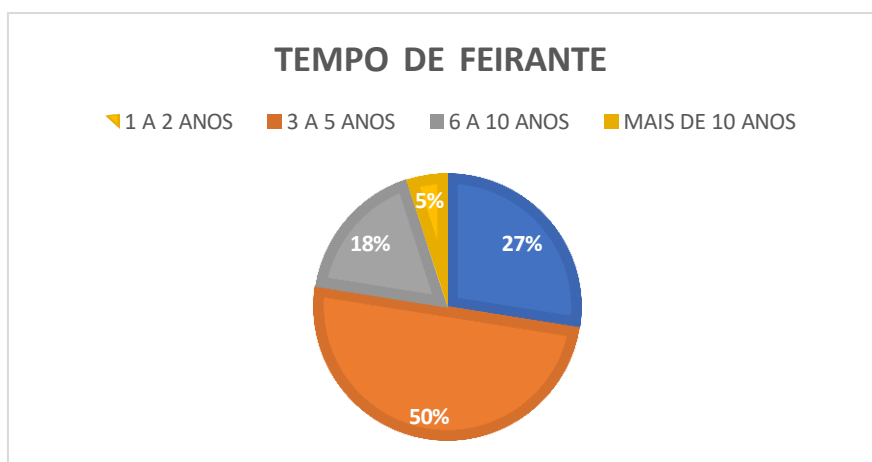
Gráfico 2 – Escolaridade dos feirantes



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme apresentado no Gráfico 03, o tempo de atuação dos feirantes na Feira de São Bento varia entre 1 e 30 anos, revelando diferentes estágios de inserção e permanência na atividade. Metade dos entrevistados (50%) exerce essa função há entre 3 e 5 anos, o que indica uma presença significativa de trabalhadores relativamente recentes no comércio ambulante. Já 27% atuam entre 1 e 2 anos, demonstrando a entrada constante de novos feirantes nesse espaço, possivelmente impulsionados pelo desemprego ou pela busca por alternativas de renda. Um percentual expressivo (18%) permanece na atividade entre 6 e 10 anos, enquanto uma minoria (5%) atua há mais de 10 anos, o que, ainda assim, representa um dado relevante. A permanência prolongada de parte desses trabalhadores, mesmo diante das dificuldades enfrentadas — como instabilidade econômica, informalidade e ausência de garantias trabalhistas — evidencia a resiliência de quem encontra na feira uma forma de sustento estável e, muitas vezes, a única alternativa de inserção no mercado de trabalho

Gráfico 3 – Tempo de Feirantes

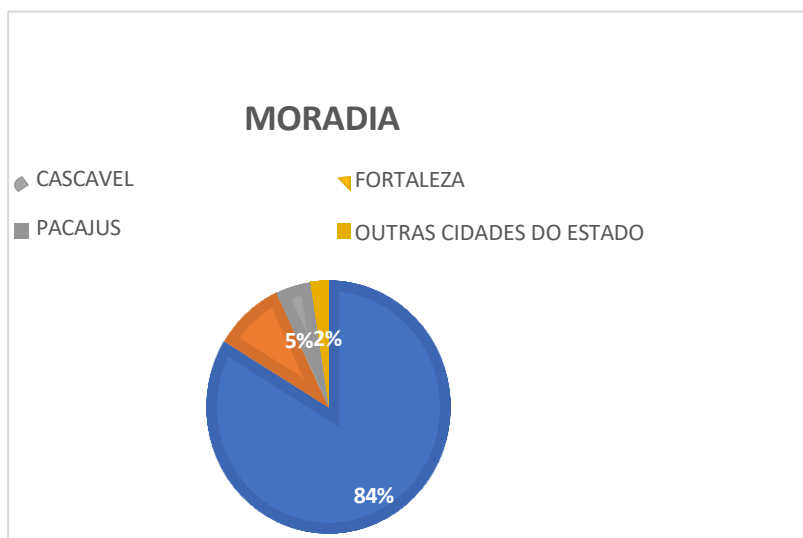


Fonte: Elaborado pelos autores.

O Gráfico 04 revela que a maioria dos comerciantes da Feira de São Bento, cerca de 90%, reside na cidade de Cascavel, demonstrando um forte vínculo local com a atividade feirante. No entanto, também foi identificado que parte dos feirantes se desloca de municípios vizinhos, como Pacajus, Beberibe, Pindoretama e até mesmo da capital, Fortaleza. Esse dado evidencia que a feira não se restringe apenas aos moradores de Cascavel, mas atrai comerciantes de diferentes regiões do estado do Ceará, o que amplia sua importância econômica e social na região. O acesso ao município é facilitado por vias principais como a BR-116 e a CE-040, rotas

frequentemente utilizadas por esses trabalhadores para garantir sua participação semanal na feira. Pode-se concluir, portanto, que a Feira de São Bento funciona como um polo regional de comércio ambulante, integrando diferentes territórios e fortalecendo as redes econômicas locais e intermunicipais.

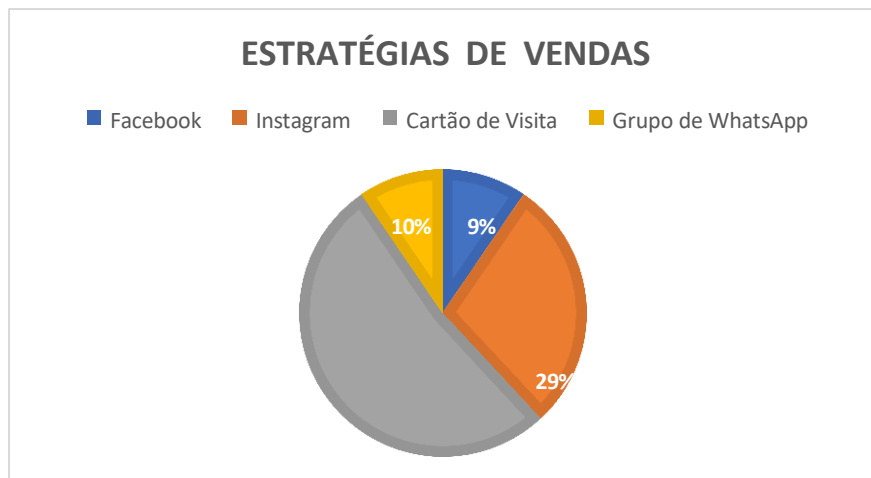
Gráfico 4 – Moradia dos Feirantes da Feira de São Bento



Fonte: Elaborado pelos autores.

Durante o período da pandemia, os feirantes adotaram diferentes estratégias para divulgar seus produtos e manter as vendas diante das restrições presenciais. Os dados retirados dos questionários aplicados para os feirantes mostram que 52% continuaram utilizando cartões de visita como principal meio de divulgação, destacando a importância desse recurso tradicional para informar o número de telefone, a marca e o local da banca na Feira. Em paralelo, 29% dos feirantes passaram a usar o Instagram como uma ferramenta para promover seus produtos e alcançar novos clientes, enquanto 10% optaram pelo WhatsApp para comunicação direta e recebimento de pedidos. Vele ressalta que esses resultados, foram obtidos durante a pandemia, em que muitos feirantes ainda estavam se adaptando e buscando estratégias de vendas para superar a crise pandêmica.

Gráfico 5 – Estratégia de divulgação e vendas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre as estratégias de vendas, uma parte significativa dos feirantes passaram a utilizar as redes sociais e os aplicativos de mensagens como principais ferramentas de trabalho. O Instagram foi o instrumento que os feirantes começaram a utilizar no surgimento da pandemia, pois o cartão de visita já era utilizado pelos feirantes antes da pandemia, assim ele era usando para divulgação dos produtos, por meio do envio de fotos, listas de preços e promoções, quanto para recebimento de pedidos e comunicação direta com os clientes. Em muitos casos, os próprios feirantes criaram catálogos digitais informais, atualizados semanalmente, que eram compartilhados com contatos habituais e em grupos de vendas.

Outra prática dos feirantes através das estratégias de vendas virtuais foram as entregas a domicílio. Como muitos clientes, especialmente os idosos, evitavam sair de casa, os feirantes organizaram sistemas de entregas próprios, utilizando bicicletas, motocicletas ou veículos particulares. Essa logística informal permitiu que o vínculo de confiança entre vendedor e consumidor, tão característico das feiras, fosse mantido, agora em um formato híbrido, que combinava relações tradicionais de proximidade com novas formas de circulação e distribuição mediadas pela tecnologia, assim acontecendo essa transição do comercio local as vendas online.

De acordo com os dados obtidos por meio dos questionários aplicados, no gráfico 06, 70% dos feirantes aderiram às vendas virtuais durante o período da pandemia, utilizando redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas digitais como alternativa para manter suas atividades comerciais em funcionamento diante das restrições sanitárias. Essa adesão ao ambiente digital representou uma estratégia importante para garantir a continuidade das vendas, sendo que, em alguns casos, foi relatado até mesmo crescimento no volume de vendas. Por outro lado, 30% dos Feirantes afirmaram não ter utilizado meios virtuais nem durante nem após

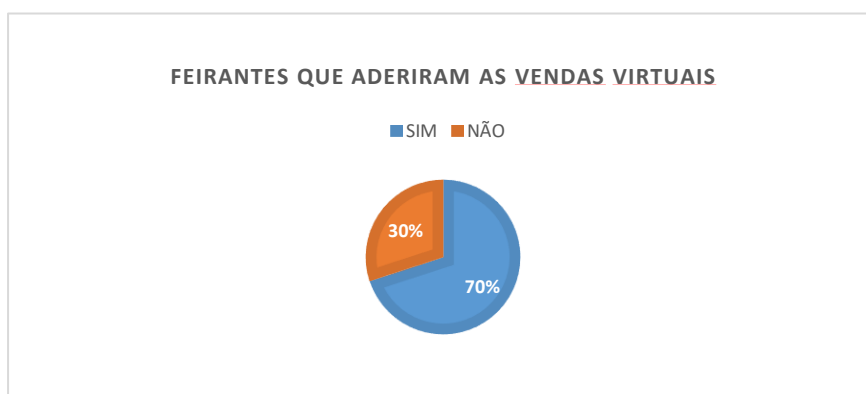


o período da pandemia. Esse grupo demonstrou menor familiaridade com o uso da internet, além de insegurança quanto à confiabilidade das plataformas on-line. Os resultados indicam que, embora parte dos feirantes tenha conseguido adaptar-se ao uso de tecnologias digitais, ainda há barreiras significativas relacionadas à exclusão digital, que limitam o acesso de alguns trabalhadores informais a novas formas de comercialização.

Os resultados, portanto, refletem duas realidades distintas: de um lado, um grupo que conseguiu reorganizar seu território de atuação por meio das tecnologias digitais, garantindo a continuidade do trabalho e ampliando suas possibilidades de renda; de outro, feirantes que enfrentaram dificuldades relacionadas ao acesso à internet, à disponibilidade de equipamentos adequados e à falta de capacitação técnica para operar ferramentas digitais de divulgação e pagamento, revelando a persistência das desigualdades no acesso à técnica e à informação, como já destacado por Santos (2006).

Essa dualidade foi analisada por Arroyo, Venceslau e Pasti (2021), ao apontarem que a pandemia reconfigurou os usos do território, deslocando parte das atividades econômicas para o espaço virtual, mas sem eliminar as desigualdades socioespaciais. Assim, o comércio eletrônico, embora tenha representado uma alternativa crucial de sobrevivência, também evidenciou a necessidade de inclusão digital e apoio institucional, para que os feirantes possam se beneficiar plenamente das novas formas de comercialização e participação no meio técnico-científico-informacional

Gráfico 6 – Vendas virtuais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados indicam que uma parcela significativa dos feirantes passou a utilizar o comércio virtual durante a pandemia, eles buscaram novas maneiras de continuar vendendo e encontraram nas redes sociais uma alternativa viável para divulgar seus produtos, recebendo pedidos diretamente dos clientes e organizando as entregas de forma autônoma. Essa mudança



representou uma transformação significativa na rotina de trabalho, já que as barracas físicas deram lugar a atendimentos virtuais e entregas domiciliares. A adoção dessas ferramentas digitais possibilitou que os feirantes mantivessem suas atividades e evitassem maiores prejuízos financeiros, mostrando capacidade de adaptação e iniciativa diante de um cenário desafiador.

O comércio eletrônico, nesse contexto, consolidou-se como um importante instrumento de adaptação e resiliência. Segundo Neto *et al* (2024), o e-commerce apresentou crescimento expressivo no Brasil durante a pandemia, tornando-se não apenas uma tendência de consumo, mas também um recurso de inclusão econômica para pequenos empreendedores e trabalhadores informais. Ao migrar parte de suas atividades para o espaço virtual, os feirantes encontraram novas formas de divulgação, negociação e entrega de produtos, explorando o potencial das tecnologias digitais como mediadoras das relações comerciais e territoriais.

O comércio virtual tornou-se uma ferramenta fundamental para os feirantes durante o período da pandemia, permitindo a continuidade das vendas mesmo em meio às restrições sanitárias e ao distanciamento social. A adoção de plataformas digitais e o uso intensificado das redes sociais possibilitaram que muitos comerciantes mantivessem contato com seus clientes habituais e garantissem alguma estabilidade financeira. Segundo Arroyo *et al* (2021), os fluxos criados a partir do uso do território digital, especialmente em contextos de crise, representaram novas formas de atuação econômica e de reconfiguração do espaço urbano, ampliando as possibilidades de atuação dos trabalhadores informais. No caso dos feirantes, essa adaptação ao ambiente virtual foi não apenas uma estratégia de sobrevivência, mas uma porta de entrada para novas dinâmicas comerciais que tendem a se manter no pós-pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período das restrições impostas pela pandemia, a Feira de São Bento demonstrou resiliência ao adaptar suas operações, ainda que de forma parcial, para o ambiente virtual. Em um primeiro momento, o fechamento e a limitação do funcionamento geraram forte impacto sobre a economia local, afetando tanto feirantes quanto consumidores. Contudo, a crise sanitária também impulsionou o surgimento de novas práticas, especialmente a utilização das redes sociais como canais de divulgação e comercialização. Essa transição, embora desafiadora, representou um marco importante na história da feira, uma vez que ampliou a inserção dos feirantes no universo digital e promoveu novas formas de interação entre vendedores e clientes.

Os feirantes demonstraram iniciativa e criatividade ao utilizar ferramentas como WhatsApp, Instagram e Facebook para expor seus produtos, negociar preços e organizar



entregas domiciliares. Essa nova abordagem não apenas possibilitou a manutenção mínima da renda, mas também contribuiu para a expansão do alcance geográfico da feira, permitindo que consumidores de outras localidades pudessem acessar os produtos ofertados em Cascavel. Do ponto de vista socioespacial, esse processo promoveu uma reconfiguração na relação entre o comércio tradicional e o espaço virtual, inaugurando um modelo híbrido que tende a se consolidar nos próximos anos.

Apesar desses avanços, a pesquisa também revelou limitações importantes. Muitos feirantes não possuíam acesso adequado à internet, conhecimento técnico ou equipamentos necessários para realizar vendas online de forma eficiente. Esse fator contribuiu para aprofundar desigualdades entre aqueles que conseguiram se inserir no ambiente digital e aqueles que permaneceram restritos ao comércio presencial. Assim, a inclusão digital se apresenta como um dos maiores desafios para o fortalecimento das feiras livres no cenário pós-pandemia, exigindo capacitação, investimentos em infraestrutura e políticas públicas voltadas à democratização da tecnologia.

Diante disso, a Feira de São Bento e seus trabalhadores devem continuar investindo em estratégias de fortalecimento do comércio online, ao mesmo tempo em que preservam as características socioculturais que fazem desse espaço um patrimônio coletivo de Cascavel. O poder público e as instituições locais têm papel fundamental nesse processo, seja por meio da oferta de cursos de capacitação em marketing digital e gestão de pequenos negócios, seja pela criação de programas de apoio logístico que facilitem a entrega de produtos. Parcerias com aplicativos de delivery, cooperativas de transporte e bancos comunitários podem ser alternativas para integrar a feira ao sistema econômico contemporâneo sem perder sua identidade.

É igualmente essencial que sejam adotadas medidas de longo prazo para garantir a resiliência do comércio local diante de futuras crises sanitárias ou econômicas. A pandemia de COVID-19 evidenciou a vulnerabilidade de trabalhadores informais e autônomos, que dependem diretamente da circulação de pessoas. Nesse sentido, pensar em políticas de proteção social que assegurem renda mínima, acesso à saúde e crédito emergencial para pequenos comerciantes é fundamental para evitar colapsos semelhantes em situações futuras.

Do ponto de vista geográfico, a Feira de São Bento reafirma sua centralidade enquanto espaço de trocas, de identidade cultural e de organização socioespacial. Mesmo diante da modernização e da expansão das vendas online, a feira continua sendo lugar de encontro, sociabilidade e reprodução cultural, onde práticas tradicionais se renovam e se articulam com novas demandas do mercado. O desafio, portanto, não é substituir o espaço físico pelo digital,



mas integrar as duas dimensões, construindo uma feira mais resiliente, inclusiva e adaptada aos tempos atuais.

Em suma, a pandemia de COVID-19 trouxe inúmeros desafios, mas também oportunidades para o comércio local da Feira de São Bento, em Cascavel-CE. Através de estratégias de adaptação, criatividade e investimentos em logística, foi possível manter atividades, ampliar o alcance espacial e atender às demandas da população mesmo em condições adversas. O comércio online se mostrou uma alternativa viável e necessária, mas que deve ser compreendida como complementar ao espaço físico da feira, e não como sua substituição. Reforça-se, assim, a importância de investimentos contínuos em infraestrutura digital, capacitação de trabalhadores e políticas de valorização do comércio tradicional.

A Feira de São Bento emerge desse período não apenas como um espaço de resistência econômica, mas também como símbolo da capacidade de reinvenção e de adaptação de comunidades locais frente às crises globais. Ao valorizar sua dimensão geográfica, econômica e cultural, este estudo evidencia que a feira permanece como um dos pilares da organização socioespacial de Cascavel, reafirmando sua relevância histórica e apontando caminhos para seu fortalecimento no futuro.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Monica; VENCESLAU, Ígor; PASTI, André; CONTEL, Fábio; STEDA, Melissa. **Uso do território e pandemia**. São Paulo: Labur/USP, 2021.

BRASIL. **Decreto nº 33.510, de 16 de março de 2020**. <https://www.ceara.gov.br/2020/03/16/decreto-no-33-510-medidas-contr-coronavirus>. acesso em; 06 de outubro 2025.

CEARÁ. **Decreto nº 33.510, de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19). Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br>. Acesso em: 04 out. 2025

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **COVID-19 e a crise urbana**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

DE CARVALHO, Renata Guimarães et al. Vivências de trabalho na informalidade: um estudo com feirantes de roupas na cidade de Fortaleza-CE. **Psico**, v. 51, n. 2, p. e33744-e33744, 2020. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/471. Acesso em: 30 mai 2023.

COSTA, Ana Paula; MARQUES, Carlos Alexandre. Feiras livres, sociabilidade e espaço público: a territorialidade do comércio popular. **Cadernos Metrópole**, v. 20, n. 43, 2018.



COSTA, Sara Soares. “Feiras livres: o que dizem as pesquisas sobre o fenômeno no Brasil?” **Itinerarius Reflectionis**, v. 20, n. 1, 2024.

DOURADO, Simone; RIBEIRO, Ednaldo. Metodologia qualitativa e quantitativa. In: MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; BATISTA, Michel Corci (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. 2. ed. Ponta Grossa – PR: Atena, 2023. p. 12–30

MALAFAIA, Francisco Rocha. Feiras livres do Méier (RJ): redes e fenômenos de digitalização. **Revista AGB Três Lagoas**, v. 1, n. 38, 2022.

MIRANDA, Ana Luísa. Informalidade sustenta 39% dos empregos no Brasil, mas exclui milhões de direitos trabalhistas. **Jornalismo IESB**, 2025.

NETO, Afrânio Weber *et al.* E-commerce: um estudo sobre os efeitos da pandemia no perfil do consumidor. **Revista de Tecnologia Aplicada**, 2024.

PINTAUDI, J. “Conceito e características dos mercados públicos ou feiras”. **Revista Espacios**, v. 37, n. 1, 2016.

PEREIRA, Viviane; BRITO, Tayrine; PEREIRA, Samanta. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, 2017.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2006.

SANTOS, Fábio Dias dos. Mercados alimentares locais em risco: como o desmonte de políticas públicas e a pandemia da COVID-19 impactaram as feiras livres de Porteirinha – MG. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 112, 2023

SANTANA SILVA, Hellen Mabel; OLIVEIRA MIRANDA, Eduardo; CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. “Feira livre enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e cultura: tramas e subjetividades na Feira de Acari”. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 11, n. 18, 2016.

SILVA, Maria das Graças da. **Feira de São Bento em Cascavel – CE (Festa a céu aberto)**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

SILVA, Hellen Mabel Santana; MIRANDA, Eduardo Oliveira; JUNIOR, Luis Vitor Castro. Feira livre enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e cultura: tramas e subjetividades na Feira de Acari. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, 2016.